

Patrões: “São precisos mais imigrantes”

Há áreas da economia onde mais de 40% dos trabalhadores são estrangeiros. Os empregadores já os vão recrutar diretamente lá fora e admitem que, sem imigração, muitas atividades não sobrevivem. Lares, restaurantes, limpezas, pesca, agricultura, construção civil, entregas ou transportes são só alguns exemplos

Texto RAQUEL ALBUQUERQUE e RAQUEL MOLEIRO
Infografia CARLOS ESTEVES

Se amanhã os imigrantes que trabalham em Portugal se fossem embora, assim de repente, os idosos dos lares perderiam grande parte das mulheres que lhes auxiliam os dias. Milhares de restaurantes teriam dificuldade em abrir, com as cozinhas desfalcadas de ajudantes e lavadores de pratos. E à porta não estariam os estafetas, prontos a pegar na mota e responder aos pedidos das apps de take-away. Os hotéis entrariam numa azáfama inglória para arrumar todos os quartos, abandonados de camareiras. Os escritórios acordariam sujos, porque ninguém lá tinha estado de madrugada a deixá-los um brinco. Em muitas paragens de autocarro, seria infinita a espera por carreiras, sem motoristas que as conduzissem. Os andaimes das obras, inúteis, ficariam um vazio de operários. Escassearia o peixe nas lotas, com os barcos presos a terra por falta de tripulação. E nas estufas, as amoras, e nas árvores, a fruta, amadureceriam para lá da validade sem ninguém para as colher.

Há atividades económicas onde mais de 40% dos trabalhadores são estrangeiros. Na maioria dos casos, as tarefas asseguradas pelos imigrantes constituem a base de existência desses sectores. Os dados mais recentes dos “Quadros de Pessoal”, relativos a outubro de 2022, mostram que 44% do trabalho não qualificado na agricultura, produção animal e pesca é garantido por imigrantes, assim como mais de um terço de todas as tarefas ligadas à preparação de refeições. Outros dados mostram que a realidade se repete nas entregas de comida em casa: 55% dos estafetas da Bolt Food, Glovo e Uber Eats são estrangeiros. Também nas limpezas pelo menos um quinto dos serviços são feitos por imigrantes. Em áreas sociais básicas, como a prestação de cuidados a idosos, a presença destes trabalhadores é cada vez mais fundamental: em muitos lares pelo país fora metade dos funcionários são estrangeiros.

“Sem estas pessoas, a nossa economia pára. Muitas atividades já não resistiriam sem imigração e em causa estão, sobretudo, os sectores mais duros, perigosos, mal pagos e precários, onde já é impossível substituir a mão de obra estrangeira por portugueses”, frisa Pedro Góis, sociólogo e professor da Universidade de Coimbra. “Se trássemos os imigrantes da agricultura de norte a sul do país, várias tarefas deixavam simplesmente de ser feitas.”

São os próprios empregadores da agricultura, pescas, construção civil, transportes, limpezas ou apoio social a frisar que os trabalhadores estrangeiros em Portugal se tornaram fundamentais para assegurar a sobrevivência das suas atividades. Em muitos casos, as empresas até já estão a recrutar diretamente fora do país, como nos transportes, em que se foi buscar motoristas ao Brasil e a Cabo Verde; nas pescas, onde há acordos diretos com a Indonésia; na construção, com grandes empresas a fazer formação e contratação na Guiné-Bissau, ou até nos lares das Misericórdias, que assinaram um acordo com a Confederação Brasileira das Santas Casas para trazer trabalhadores para instituições em vários pontos do país.

“A contratação de estrangeiros vindos de Estados terceiros é imprescindível para o sector agrícola pelo menos desde 2010. E são precisos muitos mais. Não seria possível, de forma alguma, funcionar sem eles”, garante Luís Mira, secretário-geral da Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP). Idéntica dependência é vivida no sector das pescas. “Sem os indonésios, a frota que produz e que paga impostos deixava de existir, ficava encostada à muralha. Mal do país se não fossem os imigrantes”, explica Jerónimo Rato, presidente da Cooperativa dos Armadores de Pesca Artesanal (CAPA), sediada no porto de Peniche. A realidade estende-se à restauração, onde, muitas vezes, já mais de metade dos funcionários são estrangeiros, como acontece nas cozinhas do chefe Avillez. “Os meus restaurantes não funcionam sem imigrantes”, afirmou num *podcast* do Expresso.



Em Caxinas, Vila do Conde, os indonésios garantem que os barcos vão para o mar. As 7 horas da manhã, uma das equipas de limpeza da Cleece já acabou o primeiro serviço num banco em Lisboa: já são 30% os imigrantes que ali trabalham. No lar e na unidade de cuidados continuados da Misericórdia do Barreiro, o apoio a idosos é garantido por auxiliares do Chile, Venezuela, Brasil, Angola, Moçambique e Cabo Verde. Na Quinta Pontorizante, em Tavira, o engenheiro Pedro Cupertino junta-se aos trabalhadores, sobretudo asiáticos, que asseguram a apanha de frutos vermelhos

A escassez de mão de obra sentida em Portugal em diferentes áreas tem razões sociais e demográficas. “Resulta, em parte, da alteração do perfil de qualificação das gerações mais jovens, porque estão menos interessadas em atividades pouco qualificadas e mal pagas. A isso junta-se também a diminuição da população ativa em resultado da redução da natalidade”, explica o economista João Cerejeira, professor da Universidade do Minho. O envelhecimento da população também contribui para agravar o problema, como frisa

Manuel Lemos, presidente da União das Misericórdias Portuguesas. “Em Portugal, há cada vez mais idosos de quem é preciso cuidar e menos pessoas disponíveis para trabalhar. Portanto, temos de as ir recrutar a algum lado.” As estatísticas dos “Quadros de Pessoal”, que não incluem os trabalhadores da Administração Pública, apontam para cerca de 330 mil estrangeiros a trabalhar por conta de outrem no país — ficando de fora os que estão sem contrato ou a trabalhar por conta própria. “É por demais evidente que muitas empresas portuguesas já não sobrevivem sem imigração e vão continuar a precisar de ir recrutar fora”, frisa Catarina Reis Oliveira, coordenadora científica do Observatório das Migrações, sublinhando a importância de agilizar títulos de residência, sem descurar a integração.

A população estrangeira residente em Portugal “totaliza mais de um milhão”, segundo os dados da Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA) relativos a 2023. Ainda assim, vão ser precisos mais, por exemplo para assegurar as grandes obras planeadas para os próximos anos. “Que-



FOTO TIAGO MIRANDA

rem o TGV, a extensão do Metro do Porto, mais uma ponte no Douro, a habitação do PRR? Isso implica pelo menos mais 90 mil trabalhadores. E quando avançar o novo aeroporto de Lisboa, são mais 15 a 20 mil”, garante Albano Ribeiro, presidente do Sindicato da Construção de Portugal. “Se as políticas de imigração impedirem que as pessoas venham para Portugal, vamos perdê-las para outros países”, avisa o sociólogo Pedro Góis. “E se não fizermos mais pelas que estão cá, elas vão-se embora.”

HÁ MAIS DE UM MILHÃO DE ESTRANGEIROS A RESIDIR EM PORTUGAL, SEGUNDO DADOS DA AIMA RELATIVOS A 2023

“SEM OS IMIGRANTES, DIFICILMENTE OS ESTABELECIDAMENTOS CONSEGUIAM TER AS PORTAS ABERTAS”, ADMITE A AHRESP



IMIGRAÇÃO

INVESTIGAÇÃO



“Pessoas do Brasil, a partir do acordo com a Confederação das Santas Casas. A ideia é que já venham formadas e com estágio feito.”

TRANSPORTES

Motoristas imigrantes

Cerca de 15% dos motoristas de autocarros em Portugal são estrangeiros, segundo a Associação Nacional de Transportes de Passageiros (ANTROP). Nos últimos anos, a escassez de profissionais levou as empresas a recrutar no Brasil e Cabo Verde, para conseguirem, por exemplo, dar resposta ao aumento de serviço da Carris Metropolitana na região de Lisboa. “Sem estes trabalhadores seria impossível assegurar os serviços necessários, porque não existem motoristas nacionais habilitados e certificados para a substituição de todos os motoristas estrangeiros”, diz a associação.

ESTAFETAS E TVDE

55% são estrangeiros

A maioria (55%) dos estafetas de plataformas como a Bolt Food, Glovo e Uber Eats têm nacionalidade estrangeira, diz a Associação Portuguesa das Aplicações Digitais (APAD). Mais de metade destes imigrantes chega a estas plataformas já depois de terem tido outros trabalhos em Portugal, como na agricultura, que funciona como ‘primeira entrada’ no mercado de trabalho. Quanto aos motoristas de TVDE, mais de um terço (34%) são imigrantes, segundo dados do Instituto da Mobilidade e dos Transportes (IMT) citados pela APAD.

CONSTRUÇÃO CIVIL

A maioria nas obras

“Quantos são? Ninguém sabe. Mas digo-lhe uma coisa: numa obra de 150 trabalhadores, só 20% são portugueses”, contabiliza Albano Ribeiro, presidente do Sindicato da Construção de Portugal. Não há uma contratação regulada, com exceção dos grandes grupos, como a Mota Engil, que fazem formação específica e angariação na Guiné. “O sector é dominado pela economia informal. A maioria está ilegal, explorados por grupos de mafiosos que os traficam, muitos da América do Sul, e depois os abandonam. Damos apoio a vários. E não têm formação, 70% nunca trabalharam numa obra, não se vê um aprendiz, quem sabe já é velho”, denuncia. Em seis anos, o país perde para a emigração 300 mil trabalhadores portugueses. Os que chegam, vêm do Panamá, Colômbia, Peru, Brasil e também de Marrocos, Índia, Bangladesh e Cuba.

HOTELARIA E RESTAURAÇÃO

Poucos para tanto turismo

Parcerias com Marrocos e Cabo Verde, missões internacionais de intercâmbio com empresários e regiões de turismo, tentam colmatar a falta de trabalhadores no sector. “Face ao aumento da procura turística, seria muito difícil assegurar todos os serviços sem trabalhadores estrangeiros”, reconhece a Confederação do Turismo de Portugal. A AHRESP concorda. “Através do trabalho no terreno é possível concluir que os imigrantes constituem um número considerável no funcionamento dos estabelecimentos e que, sem eles, dificilmente conseguem ter as portas abertas”, explica Ana Jacinto, secretária-geral da Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal. Mas são necessários mais. “Continuamos numa situação de escassez, que tenderá a agudizar-se com o aproximar da época alta. O aumento de trabalhadores ainda não é o suficiente para colmatar as necessidades”, acrescenta.

INDÚSTRIA

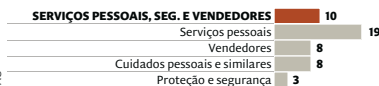
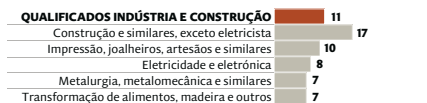
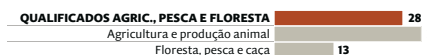
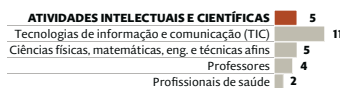
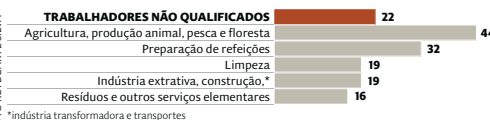
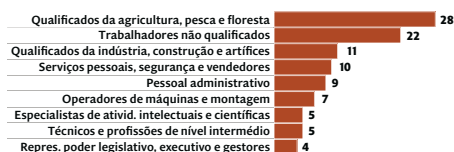
Vagas nas fábricas

As fábricas no Norte e Centro do país também atraem cada vez mais população estrangeira. Sectores como os têxteis, vestuário ou calçado têm alertado para a falta de mão de obra e para a necessidade futura de substituir os milhares de trabalhadores que se irão reformar até 2030. A indústria do metal — que mais exporta em Portugal e está em crescimento — já anunciou a criação de um programa para atrair milhares de trabalhadores imigrantes nos próximos anos.

ralbuquerque@expresso.imprensa.pt

Trabalhadores por conta de outrem com nacionalidade estrangeira

Em percentagem do total de trabalhadores, em outubro de 2022



Nota: Os quadros de pessoal têm dados das empresas públicas ou privadas, mas excluem trabalhadores

[FONTE: QUADROS DE PESSOAL 2022/GEI/MTSS]



AGRICULTURA

40% vêm de longe

“Há cerca de 50 mil trabalhadores por conta de outrem no sector e estimamos que os estrangeiros sejam cerca de 40%. São trabalhadores, operadores e supervisores agrícolas, florestais e de armazém, oriundos da Índia, Bangladesh, Nepal, Brasil, Paquistão, Tailândia e Ucrânia”, revela a CAP. E são precisos mais, enquanto a mecanização não chega à apanha dos frutos vermelhos. O secretário-geral, Luís Mira, aponta o dedo à morosidade de emissão de vistos nos consulatos. “São quatro a seis meses. E é nesta espera pela resposta do Estado que operam as redes de tráfico”, acusa.

Algumas empresas contratam logo nos países de origem, sem intermediários, como a Madre Fruta, organização de produtores hortofrutícolas do Algarve. “Inicialmente contactávamo-los ainda no seu país, mas agora, com o visto para procura de emprego, chegam pelo próprio pé”, explica Isa Dias. A maior dificuldade é o alojamento. Em negociação com a CCDR, AIMA e Ministério da Agricultura está o projeto de uma resi-

dência comunitária para trabalhadores sazonais, paga pelos produtores.

PESCA

Contratados à distância

Na pesca artesanal, 30% dos trabalhadores são estrangeiros, assegura Manuel Marques, presidente da Associação de Armadores de Pesca do Norte. A lei obriga a que cada barco tenha 60% de portugueses, mas muitos já não cumprem a percentagem. A maioria chega da Indonésia, contratada no país de origem através de agências locais. Vem com visto de trabalho, contrato a termo e cédula marítima, e os armadores pagam-lhes a viagem, alojamento, alimentação e o reconhecimento da documentação. “Ficam a cerca de €1400 por mês. É muito, mas não temos alternativa. Os portugueses não querem”. “Serão cerca de 600 a 700 em todo o país. Mas grande parte da frota não consegue suportar o custo. Há cada vez mais barquinhos só com uma pessoa”, acrescenta Jerónimo Rato, da CAPA, que há três anos foi à Guiné-Bissau fazer acordos de contratação.

LIMPEZAS

Em número insuficiente

Pelo menos 20% das limpezas são feitas por imigrantes. “Seria difícil assegurar os serviços sem esta população”, diz a Associação Portuguesa de Facility Services. “Nos últimos anos, este recrutamento tem permitido resolver uma boa parte de falta de mão de obra, mas nem assim tem sido suficiente.” Na Clece, por exemplo, a percentagem de imigrantes passou de 21% para 30% em dois anos. “São essenciais à nossa atividade”, frisa o diretor,

Bruno Moreira. “Em 2023 notou-se maior disponibilidade de mão de obra devido ao acordo de Portugal com a CPLP e também há mais trabalhadores do Paquistão, Índia, Bangladesh ou Timor.”

LARES

Diretamente do Brasil

“Há lares com 40% ou 50% de funcionários estrangeiros, de seis ou sete nacionalidades. É mais evidente em Lisboa, Alentejo e Algarve”, diz Manuel Lemos, presidente da União das Misericórdias Portuguesas. A comunidade brasileira é a mais presente, mas a diversidade está a crescer. “Um lar no Alentejo contratou três casais asiáticos, que vieram da agricultura. Os homens foram para a cozinha, as mulheres para o apoio aos idosos. E o provedor está muito satisfeito, diz que são muito trabalhadores.”

Manuel Lemos já alertou o Governo para a falta de profissionais, que tenderá a agravar-se, e foi convidado a integrar uma delegação de empregadores que foi a Cabo Verde estabelecer acordos de recrutamento. “Para já, estamos a montar a operação para trazer

“NUMA OBRA DE 150 TRABALHADORES, SÓ 20% SÃO PORTUGUESES”, DIZ ALBANO RIBEIRO, DO SINDICATO DA CONSTRUÇÃO

